

Semanário

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67
MONTIJO

Composição e Impressão—«GRÁFICA MONTIJENSE», LDA.—Telef. 030 0 49—MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

A acção da Intendência Geral dos Abastecimentos começou a fazer-se sentir nos piores anos da última guerra mundial, que foram para nós, Portugueses, os primeiros anos do post-guerra. E começou a fazer-se sentir com tal eficiência que dentro em breve se extinguiram as «bichas» de madrugada às portas dos talhos e das peixarias, dentro em breve se calavam veementes e justificados protestos, dentro em breve a situação tendia a normalizar-se, não obstante as extremas dificuldades da época que se atravessa. Para que assim acontecesse, necessário fora aos serviços agirem de maneira fulminante, de forma impecável, de modo a não deixar a ninguém sombra de apetite de prevaricar em matéria de delitos anti-económicos. Não houve dúvidas em meter na cadeia os açambarcadores, em lhes divulgar o nome, em lhes fechar os estabelecimentos, tornando público o crime, fosse quem fosse o criminoso. Mais do que o pagamento da multa, o que de facto castigava o especulador ou o mixordeiro era o ficar exposto ainda que simbolicamente, no pelourinho do consenso geral. Houve,

A brandura dos nossos costumes

é claro, quem consurasse os serviços pelo seu extremo rigor, pela mesma razão que há sempre quem, no tribunal, prefira estar por sistema pelo réu contra o juiz. A impressão popular, que ainda hoje prevalece, quinze anos volvidos, foi, porém, a de que os serviços se tinham limitado a cumprir bem—bem e depressa.

Vêm estas considerações a-propósito de um caso que há pouco tempo alarmou e indignou todas as pessoas de bem deste país, mesmo aquelas mais propensas à tolerância e à passividade:—descobriu-se que as carnes e gorduras fornecidas à frota bacalhoeira para seu abastecimento durante a presente campanha nos Bancos da Terra Nova e da Gronelândia estavam mais do que impróprias para o consumo, pois que estavam podes e podes já se encontravam à data do embarque. Descobriu-se felizmente a tempo a fraude miserável; os lugres bacalhoeiros farão os abastecimentos na própria Terra Nova e as suas tripula-

ções não correrão o risco de morrer envenenadas no alto-mar. Atrás, contudo, desta revelação, veio à memória de todos a série de delitos semelhantes que nos últimos anos se têm praticado, embora nenhum deles em tão larga escala, em tão alto nível. Basta dizer-se que dos mixordeiros inculpados no caso da frota

bacalhoeira alguns deles eram reincidentes.

Perguntar-se-á então o que é feito da Intendência Geral dos Abastecimentos; há-de querer saber-se se foi extinta ou se se perdeu na rotina. Pois nada disso. A Intendência continua activíssima, as suas brigadas não descansam,
(Conclui na página 2)

Evita-sa que uns tenham o supérfluo enquanto a outros falta o necessário

—«A Assembleia Nacional — escreve «O século» — aprovou há dias um novo regime jurídico para regular, com apropriadas e indispensáveis eficiências e firmeza, a importância das remunerações atribuídas aos administradores de empresas onde o Estado investiu capitais ou tem interesses e para corrigir ou impedir os abusos que há muito eram apontados quanto aos casos de acumulações de cargos e de incompatibilidades de funções.»

Depois de salientar o intuito do Governo em terminar com o abuso das remunerações excessivas ou da ocupação, por uma mesma pessoa, de três, quatro ou mais cargos importantes, resume as disposições mais importantes do novo regime, salientando que as infrações, além de implicarem a perda de mandato para os infractores e de os inibirem de, durante cinco anos, exercer funções dos corpos gerentes em quaisquer sociedades, companhias ou empresas, são puníveis com multas de duas a cinco vezes o montante das importâncias indovidamente recebidas por eles.

A terminar, «O Século» sublinha:

«Com o limite das remunerações evitam-se os ganhos excessivos. Impedindo as acumulações, abrem-se a muitos novos com capacidade as possibilidades de singrar na vida—o que até agora lhes era negado. Com o regime

das incompatibilidades defendem-se os interesses das empresas, do Estado e do bem comum.

— Afirmação do diário «O Século», que analisa e apoia o novo regime jurídico sobre remunerações, acumulações e incompatibilidades, aprovado pela Assembleia Nacional.

«A tais limitações, de uma moralidade indiscutível, corresponderá, evidentemente, uma redução substancial nos gastos da ostentação que tanto ofendem os que têm pouco para uma vida de pobreza confrangedora. Não se limita o que é devido à capacidade ou mérito: evita-se que uns tenham o supérfluo enquanto a outros falta o necessário.»

NOTÍCIAS NACIONAIS

Um português conquistou o 1.º prémio a cozinhar «tripas à moda do Porto»

CAEN—Embora não sejam os únicos a saberem cozinhar tripas, os portugueses—principalmente os do Porto—são mestres na preparação daquele prato desde que, há quase 500 anos, a população portuense, no dejeso de aproveitar toda a carne para abastecimento da armada que o Infante D. Henrique levaria para a conquista de Ceuta, apenas reservava para consumo da cidade as tripas das reses abatidas.

Seja nas tripas à moda do Porto, seja nas à moda do Caen, seja em qualquer outra forma culinária de as apresentar, os portugueses conquistam sempre lugar de destaque.

Assim foi que, perante representantes de vários países, o português Joaquim de Oliveira conquistou o Primeiro Grande Prémio de Honra do Congresso Internacional de tripas à moda de Caen, realizado há poucos dias nesta cidade francesa.

O crime na P. do Guincho

LISBOA—Demitidos em 8 de Março do Exército, portanto antes da data em que friamente assassinaram o capitão Almeida Santos, cujo corpo ocultaram sob as areias do Guincho, os dois criminosos—dr. Jean Jacques Valente e António Marques Gil—são julgados em Tribunal Civil, muito embora o Marques Valente seja réu no julgamento militar dos implicados na intentona de 12 de Março de 1959, por ter tomado parte naquela frustrada tentativa revolucionária.

A Polícia Judiciária, concluídas as suas investigações, remeteu o processo, que tem mais de mil páginas, ao Tribunal da Comarca de Sintra, por ser o competente da área em que o crime foi praticado.

Misturado com a multidão

O DR. SUCARNO

—O Presidente da República da Indonésia, que durante quatro dias visitou oficialmente Portugal, conquistando com a sua simpatia e simplicidade o povo português, partiu ontem ao fim da tarde, rumo a Cuba. Antes, porém, e à margem do programa, quis «saborear» um pedaço da vida do verdadeiro lisboeta e para isso, sem qualquer cerimónia, e procurando não ser notado, misturou-se à multidão e, como se lisboeta fosse, percorreu a «Baixa» numa das horas de maior movimento. Parou diante das montras; esperou nas faixas de passagem que o sinaleiro abrisse o trânsito; «espreitou», como todos fazem, para os buracos que estão a ser abertos nos «placards» dos jornais.

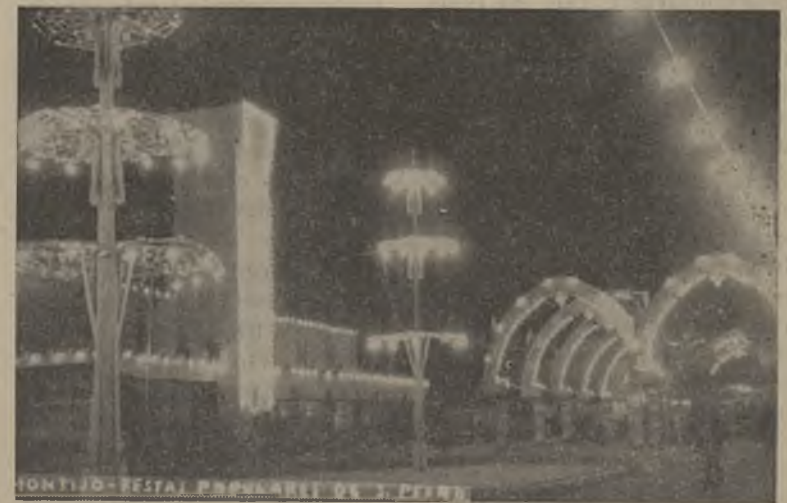
quis «saborear», antes de partir, um pedaço da vida do verdadeiro lisboeta.

Foi-lhe, no entanto, impossível manter o incógnito, porque o povo de Lisboa, que ele também soubera cativar, logo o reconheceu e lhe quis patentear a sua estima.

Como fogo num rastilho, a notícia correu célebre de boca em boca.

—O Sucarno está na Baixa! Na familiaridade do tratamento está bem patente o carinho que todos já sentiam pelo Presidente indonésio, que bem o percebeu quando a multidão, sorridente mas respeitosa, o rodeou e aplaudiu. Dezenas de mãos se estendiam, inúmeras frases amigas se cruzavam no ar, todos queriam ver de perto «o novo amigo».

IMAGENS DAS FESTAS DE S. PEDRO, EM MONTIJO



Um aspecto da iluminação nas Festas de S. Pedro, de lindo efeito feérico, ou uma das «mil e uma noites»?

VENHA ÀS FESTAS POPULARES DE S. PEDRO, EM MONTIJO

DE 25 A 30

DE JUNHO

Fisiologia do Cinema O Relatório da Câmara de Montijo

(Conclusão do número anterior)

São estes os momentos preciosos para o crítico sagaz. É então que ele surpreende, nas suas mais indicativas revelações, o carácter das mais diversas classes que formam o público dos vários cinemas. As fisionomias retratam nessas ocasiões toda a alteração dos sentidos, e cada gesto compassivo, ou cada interjeição admirativa, é como uma página, onde o analista lê facilmente o íntimo das almas.

Observai os espectadores, no drama e na comédia e estudai-lhe as fisionomias. Que mistura de pasmo, surpresa e íntima satisfação lhe fulge nos rostos! Todos eles são olhos e orelhas.

A sua existência, naquele instante, concentrou-se toda debaixo daquela nuvem. Além desses limites, não há outro universo possível.

Todo o frémito exprime o sentir daquelas almas que não sabem apagar o ardor das suas sensações no calmante que recebem os bons termos sociais.

Qualquer dos quadros é suficiente para dele se inferir todo o sentir, todo o natural dum público diverso pelos instintos, pela educação, pelos hábitos e pelas pretensões. Eles, só por si,

dão a medida da sua fisionomia, retratando-a na expressiva linguagem dos sentidos, excitados pela presença da cena mais trágica dum grande drama, ou pelas metamorfoses dum entretenimento essencialmente popular.

Cada filme apresenta-se como um mundo diverso, assim como cada cinema. São planetas diversos que gravitam todos no mesmo centro — o desejo de gozarem —, que se regem pelas leis gerais do mesmo sistema planetário, que entram e saem, que se sentam e levantam, que aplaudem e dão pateada, mas que giram na sua órbita própria e exclusiva, como Marte e Júpiter e se diferenciam em opacidade ou esplendor, como Saturno e Vénus.

É uma distinção e qualificação que vamos empreender. Para isso assentaremos a nossa máquina em qualquer cinema, mesmo nos momentos felizes em que a energia dos sentimentos rebenta de todas as faces, nas suas manifestações mais características. É uma galeria de quadros populares que vamos expor à curiosidade dos leitores. O público que é o actor complexo de todas estas cenas, que os defina.

SEISDEDOS BRANCO

A brandura dos nossos costumes

(Conclusão da primeira página)

e são frequentíssimos os seus comunicados à Imprensa dando conta da descoberta de casos de açambarcamento ou de especulação, de abates clandestinos ou de tentativas de venda de géneros deteriorados. Esta montanha de processos é enviada aos tribunais e os tribunais julgam os reus segundo as leis em vigor — o que não impede que os delitos se repitam e se multipliquem e que ao mais ligeiro sintoma de melhoria de vencimentos ou de salários se não assista logo, por toda a parte, à ofensiva vulpina da especulação.

A Intendência cumpre o seu dever. E os juizes também, evidentemente. O que acontece, porém, é serem de todo em todo insuficientes as disposições legais que punem delitos desta natureza, tão insuficientes, tão débeis, tão irrisórias que permitem aos criminosos, uma vez satisfeita a pena pecuniária, voltarem ao seu nefando comércio.

Com razão perguntava «O Século», há dias, a tal respeito: «Se o Código Penal mesmo desactualizado, prevê a condenação em seis, oito ou mais anos de prisão maior para um individuo que praticou um assalto, um roubo importante ou um homicídio, algumas vezes em momento de turbulência acidental, como pode admitir-se que seja condenado em meses ou poucos dias de prisão

correcional, remíveis a dinheiro, o individuo que premeditadamente, pode causar um homicídio, pois outra coisa não deve considerar-se o fornecimento de géneros adulterados, provocadores de graves doenças e até de mortes?»

No pé em que as coisas estão, é de crer que os culpados da tentativa de envenenamento dos pescadores da frota bacalhadeira, se entreguem breve a tarefa idêntica, mesmo sem esperar pelo cumprimento da pena que lhes for cominada, o que por certo não aconteceria, se, pelo menos, perdessem o direito a terem loja aberta alguma vez mais na sua vida.

O que «O Século» e a opinião pública reclama neste capítulo não é propriamente o que os tribunais de Marcos houveram por bem decidir quanto aos mixordeiros que misturaram no azeite carburante de avião — e que foi a pena de morte. É de esperar, porém, que o facto de não querermos que se mate seja quem for nos dê o direito de pedir a mesma graça para cada um de nós — isto é: que não tenhamos de acrescentar às causas várias da mortalidade — à pneumonia, ao tifo ou ao enfarto miocárdico — esta portuguesa doença: a «doce brandura dos nossos costumes». — ANI

António Maria Zorro

Nas contas da Secretaria, foi ainda despendida a importância de 172.500\$00 com subsídios para assistência.

Instalada agora em condições condignas, a Tesouraria Municipal nada tem de especial a assinalar, pois os serviços decorrem com a habitual normalidade.

SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA

A propósito desta rubrica, lê-se no relatório o seguinte:

«O problema é de sempre e não se vislumbra que venha a ter solução satisfatória. O Município de Montijo, melhor diríamos, os municípios portugueses, enfrentam dificuldades financeiras insuperáveis, provenientes da responsabilidade legal pelas despesas de internamento e tratamento de doentes pobres e indigentes, nos Hospitais. Insensível aos estudos, inqueritos e providências governamentais, a despesa aumenta em cada ano de modo assustador e as Câmaras Municipais têm de reconhecer que nada podem fazer, pois a solução não está ao seu alcance. No ano findo foi liquidada, como habitualmente, a anuidade de 89.537\$80, da amortização obrigatória da dívida anterior a Setembro de 1954 e pagámos ainda a importância de 187.870\$20, por conta da dívida posterior àquela data. Entretanto, essa dívida atinge agora o elevado montante de esc.: 1.394.183\$20.»

Em cumprimento das disposições legais respectivas, o Município assegurou ainda o transporte de doentes para os Hospitais, para o que distribuiu 3.000 bilhetes de passagem para Lisboa.

Não obstante esta distribuição, pagou-se ainda a importância de 9.030\$00 por transportes urgentes em ambulância.

Por outro lado, concederam-se os habituais subsídios às pessoas colectivas de utilidade pública, conforme

relação que segue: Santa Casa da Misericórdia de Montijo, 77.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Canha, 10.000\$00; Comissão Municipal de Assistência, 52.000\$00; Asilo de S. José, 15.000\$00; Orfanato Dr. César Fernandes Ventura, 12.000\$00; Cantina Escolar de Canha, 6.000\$00 e Quota para o Fundo Especial de Beneficência Pública (I. A. N. T.), 500\$00.

SANIDADE PECUÁRIA

O ano findo trouxe sérias dificuldades na execução dos serviços de inspecção sanitária de reses abatidas fora do Matadouro. O número de suínos abatidos aumentou consideravelmente (83.639 em 1958 e 95.092 em 1959), e os veterinários municipais dificilmente conseguiram cumprir a sua importante missão.

Acresce que todos os industriais pretendem que essa inspecção seja feita o mais cedo possível, o que aumenta as dificuldades.

Se for mantido ou aumentado o número de abates, há que estudar a possibilidade de provimento de mais um lugar de veterinário. Neste caso, teria também viabilidade a inspecção sanitária de peixe e outros produtos, o que até agora não tem sido possível.

POSTO DE ANÁLISE DE LEITE

Mais um ano de bons serviços prestados ao público é o que pode dizer-se deste importante departamento municipal.

Cessaram as dificuldades iniciais e o Posto cumpre normal e eficientemente a sua missão a bem da saúde pública.

No ano findo, melhorou-se o seu apetrechamento em aparelhos que muito contribuem para o aperfeiçoamento dos serviços.

Um só problema e de grande importância, está ainda por resolver — as instalações em boas condições.

É certo que o assunto não tem sido descurado, mas a verdade, é que não foi ainda possível encontrar a solução satisfatória.

Como é hábito, este serviço deu prejuízo ao Município, pois a sua receita foi de 68.500\$00 e a despesa atingiu 138.965\$00, o que nos mostra um «déficit» de 70.465\$00.

Quanto a nós, não é motivo para lamentações, pois trata-se de um serviço de utilidade pública de grande interesse, uma atribuição legal do Município, e além disso a sua existência é um índice de progresso da nossa terra, que estimula o nosso orgulho de montijenses.

Eis a nota relativa aos serviços prestados:

Análises da determinação da gordura, 2.250; Provas de determinação da acidez, 3.620; Provas de álcool a 68°, 10.230; Provas de Lacto-Filtração, 8.300; Leite regeitado por sabor anormal, 96 lts.; Leite regeitado por prova de álcool a 68°, 1.306 lts.; Leite regeitado por prova de Lacto-Filtração, 910 lts.; Leite regeitado por não ter densidade, 140 lts.; Leite regeitado por determinação do extracto seco, 62 lts.; Documentos de aluguer de bilhas de leite, 21.456.

(Continua)

“A Província”

A fim de evitar a irregularidade das cobranças, vai o nosso jornal à semelhança dos outros colegas, acertar as mesmas, com base no n.º 280.

Assim, aos assinantes fora de Montijo, vão ser enviados recibos de importâncias inferiores a 20\$00, e para os do Montijo recibos superiores a 9\$90, para acerto das cobranças na generalidade, até ao n.º 280.

Pedimos desculpa aos nossos queridos assinantes e ainda a sua boa compreensão para esta medida, que se impunha.

Víuva Vasques Azevedo,
Martin Navarro & C.ª, Lda.
Viã Real de St.º António — Telef. 69
Vende casca de pinha mansa seca
em Alcácer do Sal. Quem pretender
dirija-se à firma supra.



SIMCA

O carro dos 14 RECORDES MUNDIAIS!

MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 - Telef. 030545 - MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

Fazem anos:

MAIO

—No dia 19, o menino Vitor Manuel dos Santos Baeta, filho do nosso amigo e colaborador sr. Eduardo dos Santos Baeta.

—No mesmo dia, a sr.ª D. Elisa Pinto Soares, esposa do nosso dedicado assinante sr. Norberto Martins Soares.

—No dia 20, completa as suas 20 risonhas primaveras, a gentil menina Maria Isaura Gervásio Marques, residente em S. Paulo, Brasil, afilhada dos nossos prezados assinantes srs. Mário da Silva e Alfredo da Silva.

—No dia 21, o nosso prezado assinante sr. António Azevedo Oliveira Frade completa 35 anos.

—Em igual data, completa 73 anos de idade a nossa prezada assinante sr.ª D. Beatriz da Conceição Rosa.

—No dia 24, o menino José Correia Leite, filho do sr. José da Silva Leite, nosso dedicado assinante.

Parabéns a todos os aniversariantes.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

MAIO

- 6.ª feira, 20 - MODERNA
Telef. 030 1 56
- Sábado, 12 - HIGIENE
Telef. 030 0 70
- Domingo, 22 - DIOGO
Telef. 030 0 32
- 2.ª feira, 23 - GIRALDES
Telef. 030 0 08
- 3.ª feira, 24 - MONTEPIO
Telef. 030 0 35
- 4.ª feira, 25 - MODERNA
Telef. 030 1 56
- 5.ª feira, 19 - HIGIENE
Telef. 030 0 70

Boletim Religioso

Vida Católica

Horário das missas

MAIO

- 6.ª feira, 27 - às 8,30 e 9 h.
Sábado, 28 - às 8, 8,30 e 9 h.
Domingo, 29 - às 8 h., na Misericórdia; às 9 h., no Afonsoeiro, e no Samouco; às 10, 11,30 e 18 h. na Igreja Paroquial, às 16,30 no Alto Estanqueiro e na Atalaia.
- 2.ª feira, 30 - às 8, 8,30 e 9 h.
3.ª feira, 31 - às 8, 8,30 e 9 h.
4.ª feira, 1 - Jun. às 8,30, 9 e 11,30
5.ª feira, 2 - às 8, 8,30 e 9 h.

ESPECTÁCULOS

Cinema-Teatro Joaquim de Almeida

Maio

Sábado, 21 - (17 anos) às 21.30 h.: Mais uma vez, e a pedido do público, «Carmen, la de Ronda», com Sara Montiel, Jorge Mistral e Amedeo Nazari. Em complemento, a engraçada comédia com Tony Curtis e Pipier Laurie, «E o Noivo não tem quarto».

Domingo, 22 - (12 anos) às 21.30 h.: Um filme em Cinemascope com Clifton Webb, Jane Wyman e Jill St. John, «Namorados em Férias».

3.ª feira, 24 - (17 anos) às 21.30 h.: Em homenagem aos Bombeiros Voluntários de Montijo, o grande filme com Pedro Infante, «Pepe, o Bravo» e ainda «Feliz Ano, meu Amor», com Marga Lopez e Arturo de Cordova.

5.ª feira, 26 - (17 anos) às 21.30 h.: O grande filme da Metro, com James Mason e Doroty Dandridge, «Terror no Mar».

MONTIJO

Festas Populares de S. Pedro-1960

Decorrem activamente os trabalhos com vista às próximas festas que, como é já de conhecimento geral, se realizam de 25 a 30 de Junho.

A exemplo dos anos anteriores, a Comissão vai diligenciar que os moradores das artérias em festa ornamentem as montras e janelas, ajudando desse modo a um maior brilhantismo deste 10.º ano de realizações. Sabemos que iguais diligências vai promover a Comissão Pró-Praça de Touros, para que no trajecto de acesso à praça sejam decoradas as fachadas dos prédios com motivos tauromáquicos, tal como aconteceu no dia da inauguração da praça, o que constituiu um êxito que jamais se poderá esquecer.

Que toda a população colabore, o melhor possível, pois assim as festas poderão atingir aquela elevada projecção que todos desejam ver.

* * *

Demos a conhecer no nosso último número os nomes dos

Montijo tem um novo Presidente da Câmara

Por JOAQUIM DA SILVA

Ao cabo de 8 anos de actividade, deixou a presidência do nosso município o Sr. José da Silva Leite, montijense a quem a sua terra deve, sem dúvida, a concretização de algumas das suas maiores aspirações destes últimos anos. Embora não alinhássemos nas fileiras dos que concordavam com todas as suas decisões e critérios, nem por isso deixamos de registar a manifesta boa vontade e o desejo que sempre patenteou em prestigiar a nossa terra, procurando defender as suas mais justas pretensões. A consagração da obra realizada pelo sr. José da Silva Leite já foi feita publicamente e o Governo da Nação entendeu exarar louvor pelos serviços prestados à comunidade, o que assinalamos com franca satisfação.

Outro montijense assumiu agora o cargo de presidente da Câmara Municipal e a expectativa é enorme, dado que se trata dum novo e se reconhece, também, existirem grandes responsabilidades inerentes ao desempenho das respectivas funções.

A sua escolha, que sabemos ter sido precedida de várias diligências, causou surpresa a muita gente, cepticismo noutros e, como é natural, satisfação nos sectores mais

Ranchos que colaboram nas Festas do corrente ano.

Hoje vamos fazer referência às excelentes Bandas que também participam nas Festas, e que são:

Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, Banda Democrática 2 de Janeiro, Academia Musical União e Trabalho, Sociedade Filarmónica Humanitária, Ateneu Artístico Vilafranquense, Sociedade Filarmónica Visconde de Alcácer, Sociedade Filarmónica Previdência, Sociedade Filarmónica M. Seixalense, Sociedade Filarmónica M. Agrícola, Sociedade Filarmónica Palmelense, Sociedade Imparcial 15 de Janeiro e Sociedade Democrática Timbre Seixalense.

Foram afixados os cartazes das Festas, que são sem dúvida bastante felizes, pelo que felicitamos a Comissão e o autor do respectivo projecto.

Os programas estão já a executar e deverão ser distribuídos no fim do corrente mês.

Desastre

No pasado dia 12 do corrente, quando se dirigia para Fátima, despenhou-se por uma ribanceira, na Rampa da Boa Vista, perto de Alenquer, um automóvel conduzido pelo sr. Jacinto Caria, proprietário do Café S. Jorge, em Sarilhos Grandes, e nosso correspondente naquela localidade.

Acompanhavam-no sua esposa, sr.ª D. Maria Alice Vitória Caria, sua sogra, sr.ª D. Rosa Vitória, respectivamente irmã e mãe do sr. Dr. Avelino Rocha Barbosa, distinto clínico nesta vila e nosso dedicado assinante, e um filho do casal que, saiu ileso do acidente.

Os três ocupantes do veículo, que sofreram graves ferimentos, foram conduzidos ao Hospital de S. José, onde ficaram internados, tendo já regressado à sua residência, o sr. Jacinto Caria e sua esposa.

Aos sinistrados «A Província» deseja um rápido restabelecimento.

Falecimento

Vítima de uma congestão cerebral, faleceu na passada 2.ª feira, dia 16, às 11.30 horas, no Hospital de Montijo, a sr.ª D. Francisca Redol, de 55 anos de idade, doméstica, natural de Pombalinho e residente em Montijo.

Era mãe da sr.ª D. Alda da Conceição Luz Grade, casada com o sr. Manuel Louro Grade, Sócio-Gerente da conceituada firma, Marpal, Lda. e nosso dedicado assinante e do sr. Manuel António Redol da Luz, atleta do Clube Desportivo de Montijo.

O funeral da extinta, que gozava de gerais simpatias em Montijo, realizou-se no dia seguinte, às 19 horas, para o cemitério local.

A toda a família enlutada, e em especial ao nosso amigo e assinante sr. Manuel L. Grade e sua ex.ª esposa, «A Província» apresenta sentidas condolências.

Agradecimento

Perpétua Ana Carneira

Seus filhos, Francisco dos Santos Simões e Domitília dos Santos Simões, vêm agradecer, por este meio, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada, sua chorada mãe.

Vende-se

Uma adega com tonéis para duzentas e quarenta pipas de vinho, uma caldeira e um depósito para aguardente, na Rua Dr. Manuel da Cruz, Montijo.

Trata-se na mesma Rua n.º 53.

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76, Telef. 030134 - Montijo

Compra-se

PRÉDIO

Informa nesta Redacção.

Estabelecimento

Arrenda-se, sem trespasse na Praça Gomes Freire, n.º 23 - Montijo, em frente ao novo mercado. - Trata, n.º 22. - Telefone 030 3 78

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 horas
Rua Bulhão Pato, 14-1.º
Telef. 030 2 45 - MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.
Telef. 030 2 56 - MONTIJO

Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Médico-Especialista

Boca e Dentes - Prótese

Consultas às 2.ªs e 4.ªs feiras das 14 às 21 h. 3.ªs, 5.ªs e Sábados das 14 às 17,30 e das 19,30 às 21,30 h.

R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

Instituto Policlínico Montijense

Rua Bulhão Pato, 18

Consulta de Ouvidos, Nariz e Garganta

Dr. Emilio Alves Valadares

Todos os sábados, às 9 horas

Análises Clínicas

Dr.ª Maria Manuela Quintanilha

Todos os dias, às 10,30

Consultas de Oftalmologia

Dr. Elísio Morgado

Quintas-feiras, às 14 horas

Consultas de Ginecologia

Dr.ª Isabel Gomes Pires

3.ªs e 6.ªs feiras, às 16 horas

Parteiras

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR

Ex-Estagiária das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia - Rua Almirante Reis, 72
Telef. 030 0 38

De noite - Rua Machado Santos, 28
MONTIJO

Augusta Marques Charneira

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques, 231
Telef. 030 5 56 - MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46
Serviços Médicos Sociais, 030 1 98
Bombeiros, 030 0 48
Táxis, 030 0 25 e 030 4 79
Ponte dos Vapores, 030 4 25
Polícia, 030 1 44
G. N. R., 030 0 01

MONTIJO

tem um novo Presidente da Câmara

(Conclusão da página anterior)

dência aperceber-se dos problemas que terá de enfrentar, resolvendo-os segundo a justiça e não somente consoante as pessoas ou coisas a que os mesmos respeitarem.

Montijo é hoje uma vila com uma densidade populacional que supera, de longe, a maioria das nossas cidades e, por esse facto, os problemas económico-sociais são aqui mais prementes e requerem uma permanente atenção, exigindo espírito de equidade e ponderação para que tudo se faça e realize, tendo em vista os altos interesses do burgo e, consequentemente, de todos os munícipes.

É evidente que são muitos os casos que carecem duma rápida e decisiva intervenção do actual presidente da Câmara, o qual, em nosso modesto entender, deverá enveredar pelas obras de real benefício público e guardar para mais tarde as chamadas obra de «fachada», hoje tão em voga por esse mundo fora. Há tanta coisa por fazer: — Estamos a lembrar-nos, por exemplo, dos gravíssimos problemas dos bairros satélicos — Afonsoeiro, Alto das Vinhas Grandes, Parque Municipal e, ultimamente, o das Areias. — Recordamo-nos do celebéri-

mo plano de urbanização, que para uns parece ter uma cor e para outros nem cor chega a ter. Sentimos o triste espectáculo que as ruas nos oferecem quando os «porquinhos» vão a caminho dos matadores. Penaliza-nos saber que o problema de habitação em Montijo está dia a dia a tornar-se muito complicado e, enfim, temos na memória tantas e tantas outras coisas que ardentemente desejaríamos ver arrumadas e que, no entanto, parecem votadas ao esquecimento.

Não queremos, ao citarmos estes factos, afirmar que tais assuntos não tivessem merecido o devido estudo, mas é necessário, mesmo muito urgente, que se tomem providências sobre determinados casos para que o prestígio da administração local não venha a decair, mas a elevar-se ao nível a que tem direito e pode indiscutivelmente atingir.

Julgamos estar no ânimo do sr. dr. Francisco Gouveia dos Santos, enfrentar com decisiva coragem os obstáculos que naturalmente irão surgir e esse seu desejo já nos diz alguma coisa, mas é bom não esquecer que sozinho nada poderá realizar, pois sem uma boa e leal cooperação

dos seus mais directos colaboradores, todos os seus sonhos cairão fatalmente por terra. É certo que essa cooperação pareceu não existir no espírito de alguns dos que formam a actual vereação, mas estamos certos que acima de tudo e de todas as coisas, o bom senso e o desejo de defender os interesses locais, acabará por vencer e é isso, afinal, o que se pretende. De resto, estamos certos, o novo presidente Câmara tem ao seu lado homens de muita experiência e citamos a exemplo a nome do sr. João Serra Júnior, vice-presidente do Município—Montijo deve-lhe uma soma muito grande de gratidão—e, deste modo, tudo se conjugará no melhor sentido, não obstante a descrença de alguns bem intencionados.

Estamos convencidos que algo de novo poderá surgir para a nossa terra e, nessa convicção, daqui saudamos o novo presidente da Câmara Municipal, afirmando-lhe que poderá contar com a nossa modestíssima mas leal colaboração, tendo sempre presente o fim a atingir: — Um Montijo prestigiado e engrandecido para orgulho de todos nós.

Joaquim da Silva

DESPORTOS

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Zona Sul)

Montijo, 7 — Serpa, 1

A vitória não disfarça a má exibição

Do nosso redactor Artur Lucas

Na penúltima jornada do campeonato, coube ao C. D. M. receber a visita da equipa de Serpa, que se limitou a vir ao Montijo cumprir o calendário e evitar assim ser castigada. Já não treinavam há cerca de um mês, vieram sem directores e alinharam só com 10 jogadores. Triste, sem dúvida. É bom que aqueles que se interessam pelo futebol em Montijo meditem nisto. Também por cá a coisa só vai um pouco melhor, pois arranjaram-se 11 jogadores para alinhar e ficou de fora, como guarda-redes suplente, o médio José António. Logo que o encontro principiou, e iam passados 5 minutos, os locais colocaram-se em vencedores, por intermédio de Mora, com a colaboração do guardião visitante.

O jogo foi-se desenrolando sempre sobre o meio campo defendido pelo Serpa, mas sem qualquer espécie de entendimento entre os diversos sectores da equipa montijense. Venceu, sem dúvida, mas o jogo foi feito aos repelões, mercê do esforço individual

deste ou daquele jogador. Como conjunto, os locais deixaram muito a desejar. Ao fim do 1.º tempo, o Montijo vencia por 3 golos a 1. No 2.º tempo, o jogo não se modificou, muito embora as forças dos jogadores do Serpa fossem aos poucos desaparecendo, excepção feita a Mateus e Hermenegildo. Os golos foram aparecendo como corolário lógico, não do bom jogo mas da melhor condição física e valores individuais.

Marcaram os restantes golos: Veredas, aos 9 m.; Serralha, aos 22 m., e Mateus, aos 40 m., no 1.º tempo. No 2.º tempo, a 1 m., Aleixo; aos 30, Veredas, e aos 43 m. Manuel Luís fechou a conta.

Sob a arbitragem de Dias Nunes, de Faro, as equipas alinharam:

MONTIJO: — António Júlio,

Valentim e Barrigana; Santa-

na, Pinto e Serralha; Veredas,

Garroa, Manuel Luís, Aleixo e Mora.

SERPA: — Negalho; Janeiro e Farinha; Di Paola, Baiões e Cecílio; Mateus, Ernesto, Patalino e Hermenegildo.

PALAVRAS AO VENTO

Por ZÉ DOS ANZÓIS

Há meio século, pouco mais ou menos, os rapazes costumavam andar de rua em rua em busca da oportunidade de conseguir ver uns curtos centímetros acima das canelas das meninas casadoiras, num elegante e discreto arregaçar de saia, com que elas se defendiam da lama ou da poeira. Por esse tempo, lançavam-se galanteios à mulher e as beldades agradeciam sorridentes e não se iam queixar à polícia, como fazem agora, desde que lhes pareça que a coisa não é para pegar de raiz. A mulher passava e o rapaz ficava aguardando a aproximação de outra mais bem feitinha ou com melhor parecer.

Então, diziam os tratados de boas maneiras, os homens tinham por obrigação subir as escadas indo à frente das mulheres e descer atrás certamente para que elas não tivessem de corar quando mostrassem um pouco mais da perninha...

A mulher era completo enigma para aquele que a escolhesse para companheira e, creio bem, por esse motivo, os matrimónios eram mais vulgares e mais rápidos. Julgo, porém, não poucas terem sido as desilusões dos noivos ao verem não acertar a apreciação exteriormente feita à mulher apetecida, com a que lhe era franqueada pelo direito de matrimónio.

Com o decorrer do tempo, tudo se modifica e, pouco a pouco, as saias foram subindo, subindo e os vestidos começaram a moldar mais as formas da mulher, desejosa de acabar com os tais enigmas, muito embora os postigos lhe não fossem inteiramente indiferentes. Houve reacção no homem e não poucos foram os que emagreceram ou se tornaram doentes pensando que as mulheres haviam endoidecido. Mas como o hábito também cansa, a breve tempo o chamado sexo forte começou a olhar indiferentemente para essas moldagens e para as pernas feminis, patentiadas, então, a alguns centímetros acima dos joelhos e que mais subiriam se não fosse o receio

pelos mantenedores da ordem e dos bons costumes...

Presentemente, tudo melhorou um nadinha, mas a mulher consegue ser ainda um enigma para aquele que a leve e lhe não conheça bem o gêniozinho, coisa de que ela só faz uso depois do nó conjugal.

Seja como for, diga-se em abono da verdade, a mulher é e será eternamente a ideia fixa do homem, como o tem sido sempre desde o momento em que Eva tentou Adão, lá no paraíso, à sombra de uma macieira...

Trespasa-se

MERCERIA, no melhor local de Montijo. Urgente, motivo à vista. Informa: Telefone 030385.

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, R. de S. Julião, 41-1.º MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER, o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos - para gados.

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro.

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

O Clube Desportivo de Montijo

em crise directiva?

Apesar de todas as tentativas, de todas as «demarques», nas quais, segundo nos consta, tem colaborado intensivamente o Sr. Presidente da Câmara, numa acção a todos os títulos louvável, de tentar remediar esta crise directiva em que se debate há alguns meses o C. D. M., o resultado parece-nos que continua a ser nulo. Este estado de coisas, a continuar, não sabemos o que irá acontecer. Será isto um indício para que a colectividade acabe? Será que se terá de recorrer a uma Comissão Administrativa?

Apelamos para o bom-senso de todos os sócios. Apelamos, também, para aqueles que fundaram o Clube já há uns anos se afastaram completamente, como que alheios à responsabilidade moral que implicitamente criaram. Que nos respondam, senhores. Numa terra com um agregado populacional como a nossa, não faz sentido de forma alguma, que numa colectividade como o C. D. M., para se arranjar directores, tenham que mendigar os seus dirigentes.

Então, montijenses, sócios, onde está o vosso bairrismo? Em épocas transactas, tem havido dificuldades, mas como esta, se a memória não nos falha, nunca houve. São nas horas más que se conhecem os amigos. Porque não nos juntamos todos e procuramos

remediar um assunto urgentíssimo, de grande importância para a colectividade de todos nós?

Creemos que com um bocadinho de boa vontade tudo se resolverá a contento. Existem bastantes «carolas», embora sejam sempre os mesmos, capacíssimos de resolver esta situação. Meus senhores, mais uma vez apelamos para a vossa boa vontade e, fiquem certos, connosco podem sempre contar, quer como sócio, quer como desportista. Numa colectividade que presentemente, segundo nos informaram, existe boa situação financeira, e a situação desportiva está absolutamente definida, este estado de coisas não se compreende. Portanto, mãos à obra.

Bons conselhos

—Para que com uma nata fresca que se apresente muito líquida, se possa fazer um creme, antes de a começar a bater junte-lhe uma clara de ovo. Deste modo a nata tornar-se-á firme de modo a poder empregar-se com a seringa de enfeitar bolos

—Se lhe sobrar um pedacinho de cera das velas, não deite fora. Derreta em algumas gotas de terebintina e terá assim uma excelente cera para pôr no ferro de engomar, que o tornará mais corredo sobre os tecidos.

NOTÍCIAS
INTERNACIONAIS

RHYL, PAÍS DE GALES—Uma viúva desta cidade guardava num armário o corpo mumificado de uma mulher, há pelo menos 20 anos, segundo calcula a Polícia. Foi por mero acaso que o filho da viúva Sara Jane Harvey fez o macabro achado do corpo, que as autoridades já identificaram: trata-se de Frances Alice Knight, desaparecida misteriosamente há muitos anos.

MOSCOVO—Destroços do avião U-2 estão expostos no Pavilhão de um parque público de diversões em Moscovo. Entre o material apresentado consta uma asa e diversa aparelhagem.

WASHINGTON—Os Estados Unidos vão dar instruções ao seu embaixador em Moscovo para que tente obter das autoridades soviéticas licença para se avistar com Francis Powers, piloto do avião abatido pelos russos—revelou o informador da Secretaria do Estado.

MOSCOVO—Kruschev declarou que serão tomadas represálias contra as bases estrangeiras de onde venham levantar voo aviões em missões e circunstâncias idênticas às do avião norte-americano abatido no dia 1 de Maio sobre a Rússia.

ARGEL—Num recontro que durou 24 horas, as forças francesas infligiram pesadas perdas a um numeroso bando de rebeldes argelianos que havia atravessado a fronteira com o Marrocos. 108 mortos e 42 prisioneiros argelianos e 15 mortos e 30 feridos franceses é o balanço do recontro.

BARCELONA—O Generalíssimo Franco acusou a Rússia, no seu discurso do Dia da Vitória, de ameaçar o mundo com a guerra em três frentes diferentes: política, económica e militar.

CHARLESTON, VIRGÍNIA OCIDENTAL—O senador John Kennedy (democrata do Massachusetts) discursando pela Televisão, apelou para que não rejeitem a sua candidatura pelo facto de ser católico.

WASHINGTON—«Penso que a área mais importante e explosiva, no que diz respeito ao resultado da luta mundial durante os próximos dez anos, será a África»—afirmou Richard Nixon à revista «US News and World Report».

Coisas que acontecem...

MIRÃO—«Ai que perdi um burro! Ai que perdi um burro!»—exclamou o moleiro Joaquim, do Giralde, ao olhar para trás e ao ver só um dos dois burros com que saíra do seu moinho para ir entregar farinha à freguesia de Santa Cruz do Douro.

Logo gente que passava pela estrada rodeou o moleiro.

Como foi, como não foi—perguntavam-lhe. E Ti Joaquim, desnortado, explicava:

—Eu tinha dois burros. Quando ali em Eiriz parei para matar o bicho ainda tinha os dois: Mas agora só vejo um.

Ti Joaquim matara um bicho, perdera outro e quando seria natural ver quatro burros carregados com taleigas de farinha, já que levava dois e a bagaceira da região é da rija, via apenas um.

Coisa estranha—diziam todos.

Ajudou-o o povo a procurar o desertor e só ao fim de muitas horas foi possível encontrá-lo, satisfeito e tranquilo, a matar o bicho na erva fresca de um lameiro.

"ARCO IRIS"

Muito melhorado, saiu o 2.º número do «Arco-Iris», revista mensal de tudo para todos. Com 128 páginas de texto pode ver-se quão interessantes são os assuntos tratados através do sumário: Macau—terceira cidade portuguesa. Seja saudável... transpirando. Sem tirar nem pôr... Mais uma da arte moderna. Mensagens de outros mundos. O seu rosto livro aberto. O homem e o crocodilo. Um fantasma chamado Frederico Chopin. Fuga—novela de Maria Judite de Carvalho. Gauguim um pintor que soube ousar. 350.000 ases de paus.



do Minho ao Guadiana



Baixa da Banheira

João Maria Campos, fundador e sócio-honorário da Cooperativa Banheirense, depõe em "A Província".

Entrevista por José Bernardino

Ao chegar ao nosso conhecimento de que entre o entrevistado e a actual Direcção da Cooperativa da Baixa da Banheira tinha surgido um conflito grave; conhecedores do carácter franco e desinteressado de João Maria Campos, da sua luta pró-valorização operária; de tentativa de difamação da sua pessoa e do seu desprezo pelos seus detractores, não quisemos, pela muita admiração que lhe tributamos, deixar de o procurar e de lhe pedir que nos explicasse a razão do actual conflito.

«Pesando» bem as palavras, João de Campos responde-nos, após breve silêncio:

—Há para além de «tudo quanto aparece», algo de grave, que visa unicamente a inutilização no campo das ideias—sou, de facto, um simples operário. Mas há algo em mim que vale numa luta de conquista ou de inutilização—é essa luta que se trava.

«Ao chegar à Baixa da Banheira, fiquei perplexo com o abandono a que vi votada a criança. Fiquei perplexo... e aterrorizado. Vi crianças de nove anos que roubavam; vi crianças de quinze anos que faziam já uma vida má.

«Tentei, por isso, num clube local, fundar uma creche. Não fui compreendido.

«Avaliei, então, das possibilidades que se me ofereciam de realizar o meu intento... e fundei a Cooperativa Banheirense.

«Quando, por exigências da minha vida profissional, me vi forçado a abandonar a Direcção da Cooperativa, puz à prova a honestidade de propósitos dos meus consócios. Resultado: influenciada por uma falsa concepção administrativa, julgou a nova Direcção que podia dispor a seu belo prazer dos dinheiros e destinos da Cooperativa. Por isso, cometeu erros graves, e graves desvios do espírito do Cooperativismo.

«É ante as dimensões desta má administração que eu não hesito em afirmar: ou a Cooperativa Banheirense reentra nos seus princípios do Cooperativismo, ou eu não hesitarei em provocar o seu encerramento.

—Pelo que nos diz, pode deduzir-se que é um cooperativista, no sentido puro do termo?

—Não. Sou apenas um estudioso com tendências sociológicas.

—Mas não é um admirador do Professor Doutor António Sérgio?

—Sou um admirador de todos os homens de bem, independentemente da sua atitude mental.

—Quais são os factos que conduziram ao actual conflito?

—A menos que a Direcção se demita voluntariamente citá-los-ei, pormenorizadamente, em Assembleia Geral.

—Qual a sua solução para a actual crise?

—Afastamento imediato e total da Direcção e de outros elementos directivos; Sindicância dos seus actos, Verificação de contas; Contrato dum contabilista; Cuidadosa escolha de novos directores.

—Pensa o sr. em voltar à Direcção da Cooperação?

—Não senhor. Penso simplesmente em «forçá-la» a realizar os seus objectivos sociais, sem o que não terá razão de existir.

—Podemos, pela sua resposta, deduzir-se que continua a pensar em criar a creche?

—As razões que me determinaram a fundar a Cooperativa (conseguir fundos para criar e manter uma creche) existem ainda.

—E terá continuadores à altura do seu pensamento?

—Há meses que procurava entre a população banheirense quem estivesse nessas condições. Creio que encontrei.

—Quando terá lugar a próxima assembleia geral?

—Ao tomar conhecimento destes factos, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, fica obrigado a convocar os sócios, sem o que será conivente com as anomalias ali praticadas.

Ecos de Setúbal

—Na Fábrica de Oleos Vegetais de Santa Catarina Lda., em Santa Catarina, foram inaugurados no passado dia 5 melhoramentos que constaram duma cantina e duma sala de jogos para o pessoal. Estiveram presentes à cerimónia os srs. Governador Civil do Distrito, dr. Miguel Bastos, Presidente da Câmara, Major Magalhães Mexia, dr. Manuel Seabra Carqueijeiro, deputado, Vigário Geral da Vara de Setúbal, comandante da G. N. R., capitão do Porto, Subdelegado do I. N. T. P. e outras entidades. De Lisboa deslocaram-se a esta cidade para assistirem à cerimónia o srs. dr. Salvador Lucena, administrador da Empresa e eng.º Cunha e o sr. António Salreta, da Junta Nacional da Marinha Mercante. Foi depois oferecido às entidades presentes e aos demais convidados um lanche que serviu de pretexto para a troca de brindes. Usou em primeiro lugar da palavra o sr. Homero Garcia, gerente da Empresa, que agradeceu a presença das entidades oficiais a esta cerimónia. Falou depois o sr. presidente da Câmara, que felicitou os dirigentes da Empresa pelos melhoramentos inaugurados. Encerrou a série de discursos o chefe do distrito, que afirmou da sua enorme satisfação por estar presente nesta cerimónia e saudou os dirigentes da empresa pelo seu espírito de iniciativa fazendo votos pelas suas prosperidades futuras.

Rui Oliveira

Empregado de Escritório

Deseja colocação, com 16 anos de prática de todo movimento geral numa só Firma. Idade 29 anos, casado. Preferível no Montijo ou arredores. Resposta a este jornal. ao N.º 145

Enquanto...

VIII

Enquanto as crianças por falta de infantários ou creches, escolares infantis ou outros estabelecimentos similares ficarem fechadas em casa, entregues a si próprias, por os pais irem trabalhar, o que origina um sem número de desastres gravíssimos, não há, na verdade, grande autoridade moral para criticar o pai ou a mãe insensata que assim proceda, visto que a Nação, não podendo alhear-se do destino e do bem estar presente e futuro de todos os seus filhos, sobretudo dos

mais pequeninos, tem o dever de criar o sistema de escolas infantis que as necessidades da vida moderna exigem.

Se o pai tem de trabalhar fora de casa e se a mãe já começa a seguir-lhe o exemplo, não só nos campos, mas também nas cidades, é preciso que durante a sua forçada ausência do lar não fiquem os filhos ao abandono.

A escola primária soluciona em parte o problema das crianças com mais de sete anos de idade, mas é preciso não esquecer as outras, isto é, aquelas que não atingiram ainda aquele nível e que exigem redobrada tensão, carinho e amparo.

O infantário para as mais pequeninas, e o jardim-escola para as maiorzinhas, são soluções perfeitamente viáveis, labor a que o Estado, as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia devem dar todo o seu decidido apoio, pois as criancinhas de Portugal bem o merecem.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Empréstimo no valor de 1050 contos

a 22 beneficiários das Instituições de Pravidência

para construção de habitações

Por despacho do Ministro das Corporações e Previdências Sociais, foi autorizada, ao abrigo da Lei sobre a cooperação das instituições de previdência no fomento da habitação económica (Lei n.º 2.092, de 9 de Abril de 1958), a concessão de empréstimos para construção de habitações nas seguintes localidades: Lugar de Fraga, Freguesia de Constance, concelho de Marco de Canaveses; Pedreira, Lugar de Venda Nova, Freguesia de S. Cosme, Freguesia de Merles e Freguesia de Lomba, concelho de Gondomar; Sítio de Assequins, concelho de Águeda; Freguesia de Valadares, concelho de Vila Nova de Gaia; Rio Mau, Freguesia de Sebolido, concelho de Penafiel; Lugar de Armés, Freguesia de Turrugem e Freguesias de Santa Maria, concelho de Sintra; Avenida Dr. António José de Almeida, concelho de Lourinhã; Freguesia de Arozelo, concelho de Barcelos; Freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, concelho de Setúbal; Freguesia de Santa Maria, concelho de Torres Vedras; Alto das Vinhas Grandes, concelho de Montijo; Freguesia de Raiva, concelho de Castelo de Paiva; Quinta do Anjo, concelho de Palmela; Freguesia de Lavos, concelho da Figueira da Foz; Lugar de Mesiões, concelho de Torres Novas; Lugar de Sant'Ana, Fre-

guesia de S. Roque, concelho do Funchal; Lugar de Sarrazola, Freguesia de Cacia, concelho de Aveiro; Lugar de Martins, Freguesia de Castelões, concelho de Val de Cambra.

Beneficiaram destes empréstimos 23 trabalhadores inscritos nas Caixas de Previdências da Indústria Têxtil, dos Produtos Químicos, dos Metalúrgicos, dos Distritos do Funchal e de Santarém, da Mundet, dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos, dos Transportes Automóveis e de «Carvões»—Federação de Caixas de Previdências.

Os empréstimos concedidos totalizam mais de 1.000 contos.

Trespasa-se

FRUTARIA IDEAL, no melhor local de Montijo, por o dono não poder estar à testa.

Tratar com Jofre Braço Forte, depois das 18. h.

Trespasa-se

PASTELARIA PÉROLA (incluindo todo o prédio, com habitação), no melhor local de Montijo, por o dono não poder estar à testa.

Tratar com Jofre Braço Forte, depois das 18. h.

Folha ao vento...

* * BELEZA FEMININA * *

Por SÄPHERA COSTA

Presentemente, toda a mulher tem a obrigação de saber aperfeiçoar seus dotes de beleza, uma vez que só é feia agora quem o quer ser, dada a abundância de casas especializadas em transformações fisionómicas e de laboratórios de produtos, chamados de beleza, capazes de transformar uma feia em verdadeira beldade.

Algumas damas, porém, talvez por não saberem como fazer a aplicação de tais produtos, conseguem modificar-se para pior do que eram, o que, certamente, não aconteceria se tivessem o cuidado de fazer consulta prévia a pessoa entendida no seu caso.

Por vezes deparam-nos uns lábios femininos tão bem cuidados, que nos dominam sentindo-nos puxados para eles, em desafio, como se fosse para apetitosas cerejas que nada nos importaria trincar de mansinho.

A mulher, como todo o bom homem sabe, é o eterno motivo da nossa alma em festa, alegria dos nossos olhos, conhecedores de bom, que sobre ela caem golosamente.

Todavia, a mulher deve ter bem presente a mágoa que causa ao homem quando ele adivinha umas feições razoáveis estarem empasta-

das de cremes contra-indicados e que lhe esconde os finos traços com que a Natureza a fadou e lhe não deixa respirar a epiderme. A estas que assim procedem, só temos que implorar-lhes que acabem com a mascarada...

Notem bem, senhoras, que devem usar de atilo e procurar sómente empregar os produtos que lhe possam ficar bem ao seu tipo; mas, sem pôr de parte o cuidado de se nos apresentarem muito melhores do que em verdade o são e nunca esconderem seus dotes de beleza.

A mulher verdadeiramente feminino deve sorrir sempre que de manhã acorda e ter o cuidado de conservar nos lábios uma pontinha de sorriso, que lhe emprestará graciosidade. Tem também que defender-se de maneira a que pareça mais nova e agir sobretudo com o problema de nunca aborrecer a quem tem de agradar acima de tudo.

Há quem seja de opinião que basta à mulher, para agradar, um sorriso, uma bela atitude, embora que estudada, ou a graça de um gesto encantador; mas eu entendo que a mulher se faz agradar sempre que o deseje.

Para muitos e para muitas, a mulher só consegue ser bela depois de se esfalfar à procura de trinta mil e um produtos que por aí se vendem. Puríssimo engano! Quantas e tantíssimas mulheres, sabemos nós, se valorisariam muito se tivessem a coragem de se nos apresentar tal como são, assim mesmo, em bruto, sem essas borradelas que nos causam tristeza por nos não ser assim possível transmitir-lhes a nossa admiração e demonstrar-lhes a nossa vontade...

PERGUNTE À VONTADE

MARGARIDA — Barreiro — Faça diariamente os exercícios seguintes: deitada de costas, elevar as duas pernas e, nesta posição, levantar e baixar lentamente os pés, ao mesmo tempo, e alternadamente, depois. Dez vezes. Em seguida, fazê-los girar em torno dos artelhos, num e outro sentido.

MARIA VITÓRIA — Setúbal — Os «fards» para os olhos devem ser sempre gordurosos. Os tons variam segundo a cor natural dos olhos, mas, como o «rouge», os penteados e os vestidos estão sujeitos às variações da moda...

Página Feminina

Coordenada por MARIA CRISTINA

O MENINO MENTE

Neste caso, como afinal em todos os outros, o dever dos pais é dar aos filhos o bom exemplo. As crianças são observadoras e compreendem muito bem as mentiras, grandes ou pequenas, que dizem diante delas. E, forçosamente, tiram uma destas conclusões: «Os pais também mentem, isto é, também fazem coisas que não devem fazer», ou então: «Se os pais mentem, é porque a mentira não é tão má como eles dizem».

Nunca se deve dizer: «Eu posso mentir porque sou uma pessoa crescida; o menino não pode, porque é pequeno». Isto cria no espírito infantil uma confusão extraordinária, e dá aos pequenitos uma ideia bem triste das pessoas crescidas.

Também não se deve nunca levar uma criança a mentir, dizendo-lhe: «Se te perguntarem isto ou aquilo, responde desta ou daquela maneira». E, evidentemente, ensiná-la a mentir, e perder toda a autoridade para a reprimir quando ela minta.

De igual forma, não se deve interrogar uma criança sobre determinado assunto que ela talvez conheça, mas se desejaria que ignorasse. Porque, a maior parte das vezes, ela compreende a situação e encontra-se verdadeiramente entre a espada e a parede! O que há-de fazer? Mentir, para os pais ficarem tranquilos, ou dizer a verdade correndo o risco de ouvir ralhar?

Pensem os pais no embaraço em que a sua atitude menos correcta pode colocar os filhos e nos erros em que podem induzi-los. E procurem proceder sempre de forma que os seus actos e as suas palavras sejam, por assim dizer, o guia, calmo e seguro, das almas e dos cérebros confiados à sua guarda.

SITUAÇÕES DELICADAS

A quem se deve fazer uma visita de chegada?

Um recém-chegado numa grande cidade não precisa de fazer visitas, a não ser a pessoas que já conhece. O melhor será pedir a um amigo comum que faça as apresentações. No entanto, se for habitar numa pequena localidade, é absolutamente normal que vá visitar as pessoas com quem, certamente lidará.

Assim, poderá apresentar-se às autoridades locais, ao prior e ao médico. Se os visitados não estiverem em casa, entregará um cartão de visita. Estes, por sua vez, retribuirão a visita, ou enviarão, pelo menos, um bilhete de agradecimento.

A parte as pessoas acima mencionadas, pode também visitar pessoas com quem se quer entrar em relações amistosas, mas será talvez melhor pedir a uma terceira que sirva de intermediário.

VISITA A UM DOENTE

Quando se é recebido, não se deve insistir em querer ver o doente; mostrar-se simplesmente o prazer que se terá em estar alguns instantes junto dele, quando este se sentir menos fatigado. Devem inquirir-se as horas em que se deve fazer a visita, para assim evitar chegar no momento da refeição, ou da presença do médico. Deve levar-se algumas revistas. Não se deve fumar no quarto do doente, sendo conveniente falar baixinho, e não fazer perguntas.

Para as raparigas:

Quando poderei vestir-me de preto?

Esta é uma pergunta que vocês, jovens leitoras, devem ter feito um sem-número de vezes. Para as raparigas que contam pouco mais que uma dúzia de anos, o preto é a miragem sonhada, como o «bãton» que irão usar, quando para isso obtiverem o «sim».

... «Quando poderei?» é o horizonte intangível que vos faz achar insípido «tudo aquilo que já podem».

Mas vestir um vestido preto é bastante mais complicado do que parece. A cor, em si, exige certa dose de compostura, que os vossos anos escritos com z ainda não poderão suportar. Rigorosamente,

so aos vinte anos seria o indicado, mas... quem pode ser actualmente rigoroso? Fechemos um pouco os olhos e transijamos para os dezito.

Assim, a nossa simpática leitora poderá usar um vestido de meia «toilette», que deverá ser em veludo, pois se o modelo for bastante bem escolhido, longe de a tornar senhoril, emprestar-lhe-á um maravilhoso ar romântico.

Todos os complementos negros se adaptam a qualquer idade superior aos quinze anos: luvas, sapatos, cintos, carteiras. Mas, mesmo assim, é melhor procurarem conjuntos alegres, que favorecem a vossa graciosa juventude.

CONSELHOS PRÁTICOS

Se ainda não possui um frigorífico ou geleira, escolha, para conservar os seus alimentos, a parte mais fresca da casa, aquela que tem mais sombra, e siga estes conselhos:

O LEITE — Conserva-se melhor se for fervido imediatamente. Logo que tenha fervido, mergulhe o recipiente durante alguns minutos em água fria. Não se deve conservar o leite no recipiente de alumínio onde ferveu. É aconselhável vasá-lo logo para um jarro ou vasilha de loiça. Outro sistema para aumentar a duração do leite, é deitar-lhe uma pitada de bicarbonato de soda durante a ebulição.

CARNE — Se tem de a conservar até ao dia seguinte, escolha carne não muito gorda e com pouco osso. Coloque-a num prato bem estendida, e esfregue-a com azeite; não só se conservará bem, como também ficará com delicado sabor. Também pode envolver a peça de carne num pano muito limpo, embebido em água e vinagre, conservando-a depois à sombra. Se deseja que a carne se conserve por mais tempo, tire-lhe o osso, polvilhe-a abundantemente de sal, cubra com ervas aromáticas e coloque em recipiente hermeticamente fechado.

PEIXE — Não se aconselha, seja em que estação for, tentar conservá-lo por muito tempo. Deve ultrapassar um dia. Cubra-o com sal e envolva-o num pano embebido em água e vinagre. Se deseja cozinhar o peixe já cozido, logo que chegue das compras coza-o imediatamente e coma-o depois de frio, com um molho.

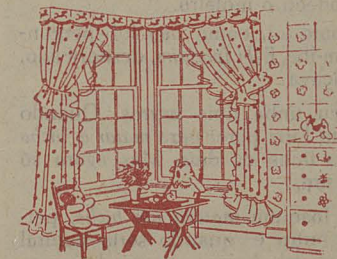
QUEIJO E GORDURAS — Vários queijos conservam-se bem, embrulhados num pano húmido. Para o toucinho, guarde-o em sítio escuro, sempre embrulhado em papel untado.

DOCES — Quando não há frigorífico ou geleira, não tente conservar doces feitos à base de leite, ovos e açúcar, para evitar que os seus elementos tóxicos,

aliás bastante nocivos, se desenvolvam.

Se possui uma geleira, guarde nela os alimentos, mas de modo racional, a fim de a utilizar ao máximo. Geralmente, o espaço para o gelo é o de cima. Recorde-se que a carne, a manteiga e o leite e todos os alimentos mais delicados devem ficar por cima, para receber directamente o frio. Cubra o gelo com um trapo de lã. Os alimentos não devem nunca estar em contacto directo com o gelo. Esvazie todas as noites a caixa para onde se escoa a água derretida. Envolve em papel vegetal os alimentos de cheiro forte, a fim de evitar que os outros pratos fiquem impregnados.

Aproveite, se gostar



Dois interessantes sugestões para a decoração do seu lar. Um armário muito útil, e um confortável recanto de janela.

CONCURSO da Página Feminina do nosso número 267

Acertaram com as seguintes respostas: Estoril, Cascais, Rocha, Nazaré, Espinho, Granja, Caparica e Peniche, os seguintes concorrentes, cujos postais ficam assim numerados:

Dolores de Campos — Baixa da Banheira (postal n.º 0 e 1);

Maria Elizabeth Soares — Barreiro (postal n.º 2 e 3);

António Correia Rodrigues — Afonsoeiro — Montijo postal n.º 4 e 5);

Maria Isabel Gonçalves — Montijo (postal n.º 6 e 7);

João Carlos Ribeiro Henrique — Lisboa (postal n.º 8 e 9).

Como verificamos, cada postal tem dois números.

Como apenas 5 concorrentes acertaram, demos 2 números a cada postal. Assim o jogo será entregue ao concorrente cujo postal corresponda em dos dois números atribuídos o último algarismo (unidades) do 1.º prémio da lotaria, a realizar no próximo dia 20 pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Exemplos: se o 1.º prémio couber ao n.º 9880, ganhará o postal com o número 0. Se couber ao n.º 4565, o premiado será o postal com o n.º 5, etc.

TRICANA

São as melhores tapeçarias de lã, CARPETES, TAPETES PASSADEIRAS, ALCATIFAS da fábrica «TRICANA» — São vendidas directamente ao público no depósito em Lisboa, Av. Praia da Vitória, 48-A (ao Teatro Monumental) — T. 51525

Fazem-se por encomenda e medida a gosto do Cliente

«TRICANA» É O TAPETE QUE NÃO ENGANA